

5ª PARTE

DISCURSOS

O Silêncio da penteadeira¹

Angela Gutiérrez

Senhor Presidente da Academia Cearense de Letras, Bibliófilo José Augusto Bezerra, Senhor Diretor da Editora da UFC, Prof. Claudio Guimarães, Profa Fernanda Coutinho, Artista plástico Descartes Gadelha, Sra Angela Laís Pompeu Rossas Mota, minha mãe, em seus noventa e nove anos, Dr. Oswaldo Gutiérrez, meu marido, meus queridos filhos Oswaldo e Priscila, Daniel e Sunny, Angela Laís e Davi, meus amados netos e netas Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa, caros colegas acadêmicos e acadêmicas, amigas e amigos, senhores e senhoras,

- Venha reconhecer o Palácio da Luz em seu novo esplendor!

Imagino que todos recordem esse apelo, cravado em forma de post-scriptum no texto em que meus anfitriões convidaram nossos amigos e amigas a virem dar boas-vindas a *O silêncio da penteadeira*. Constato, com prazer, que apelo e convite foram atendidos e agradeço a gentileza de terem vindo para reconhecer o Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras desde 1989, e acolher meu livro caçula.

Minha entusiasmada insistência em mostrar-lhes o Palácio da Luz, patrimônio arquitetônico, histórico, cultural, aqui plantado desde os tempos coloniais, reside no fato em si mesmo (a alegria cidadã de ver recuperado este prédio tão importante para a História de Fortaleza e do Ceará, sede de nossa centenária instituição cultural, fundada em 1894); e na possibilidade de repercussão do fato como um fermento cultural para seu entorno, o próprio centro da cidade.

Nossa ainda bela capital nem sempre recebeu os cuidados devidos a seu patrimônio arquitetônico, cultural e histórico, muito ao contrário. Constatamos, com tristeza, que, ao longo do tempo, não se disseminou a preocupação de alguns fortalezenses em preservar a

¹ Depoimento da escritora e acadêmica, no lançamento do livro *O silêncio da penteadeira*, de sua autoria, em 30 de agosto de 2016, no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras

memória dos traços que diferentes gerações deixaram em nossa arquitetura e geografia urbana. E, embora assistamos ao tímido nascer da conscientização sobre a importância de resguardar os bens patrimoniais da cidade, como memória de sua gente, precisamos alardear aos quatro ventos e comemorar com efusivo júbilo a bela restauração de nossa sede, capitaneada com esforço tenaz pelo Presidente da Academia Cearense de Letras, Bibliófilo José Augusto Bezerra, com apoio e parceria de pessoas, entidades e instituições beneméritas. Além de comemorar a restauração do Palácio da Luz, devemos mesmo ressaltar essa ação cultural como bom exemplo de cuidado patrimonial. Ao restaurar este palácio repleto de memória do nosso povo – daqueles que ergueram suas paredes, dos que o habitaram com responsabilidade de dirigir os destinos do Ceará, dos que, enfim, deram vida ao Palácio da Luz – pois bem, restaura-se, também, o respeito aos que nos precederam e aos que nos sucederão como herdeiros da Cidade Amada, usando aqui a poética expressão com que Artur Eduardo Benevides sempre se referia a Fortaleza.

Não me alongarei, porém, em revelar-lhes mais detalhes do trabalho aqui realizado – ressaltemos -, em tempos mundialmente considerados como áridos, secos, enfim, difíceis para semeaduras promissoras e boas colheitas. O próprio Presidente da Casa de Thomaz Pompeu o fará, com maior pertinência e conhecimento, na reabertura oficial deste Palácio, em fins deste ano de 2016.

Retornemos, então, ao lançamento d'*O silêncio da penteadeira*. Agradeço à madrinha do livro, Fernanda Coutinho, que me instigou a publicar esse texto, guardado há alguns anos, e para ele escreveu um encantador posfácio, que, tenho certeza, vocês lerão com prazer; agradeço, também, à brilhante colega e amiga, a apresentação do livro nesta sessão de lançamento, com um texto em que revela, como sempre, e sei que os presentes concordarão comigo, sua competência crítica aliada a uma escrita delicada e generosa. Obrigada, Fernanda.

Atrasemos o calendário e voltemos a 2011. Isso porque, como todas as vezes em que sou convidada a falar sobre algum de meus livros,

sempre me pedem para começar do começo, ou seja, de como nasceu o livro, que semente lhe deu vida. Assim, já aprendi a lição e começarei do começo, pelo instante de criação *d'O silêncio da penteadeira*.

Pois bem, no ano de 2011, lia em meu quarto, quando, ao levantar os olhos do livro, vi minha imagem refletida no espelho da penteadeira, que já vem há muitos anos na família. Tendo sido da casa de campo de minha bisavó Angela, passou para minha avó Laís, depois para minha mãe, Angela Laís e – finalmente –, para mim, Angela Maria. Sou grata a minha mãe, por essa penteadeira do sítio de Mondubim, que me inspirou um livro, mas, sobretudo por outras fortes contribuições suas à minha carreira como escritora. Aprendi com Mamãe a contar histórias, (embora nunca com sua inimitável graça!), encantei-me com suas lembranças de família e da cidade de Fortaleza, aprendi a amar seu avô, meu bisavô, Thomaz Pompeu, tão presente em sua infância e em sua memória. Aqui, no Palácio da Luz, como primeiro Presidente da ACL, patrono da Cadeira 35 e membro de outras entidades culturais, Thomaz Pompeu está representado em vários retratos a óleo e – surpresa! – estará representado em outra arte na reabertura do Palácio, não é, Descartes?

Voltemos à *Penteadeira*! Depois de algum tempo, percebi que, ao me olhar no espelho, na verdade, não me via, mas imaginava quantas histórias essa penteadeira refletiria em seu espelho, quantas cenas de vida guardara. Porém, como já maturava a ideia de escrever sobre temas e ambientes que não me fossem familiares, não queria que minha voz narrativa fosse a de uma escritora doublé de professora, nem desejava, naquele instante, recriar a memória familiar. Queria sair de Fortaleza e ir para o sertão. Assim fiquei um tempinho olhando, olhando para o espelho e fabulando. Logo em seguida, sentei-me diante do espelho – espelho? , quero dizer da tela, tela do computador, e escrevi muitas páginas, tal como vocês as lerão. Por alguns dias, voltei a escrever com certa urgência em ver como os fios da narrativa se entrançariam e se desentrançariam e, de repente, o texto estava pronto. Alerto: ao dizer pronto não digo que todos os fios foram desenleados.

Acredito que é preciso deixarmos alguns fios à espera que a mão do leitor deslinda pouco a pouco o que embaralhamos.

Ao me deslocar para o sertão, outras histórias foram surgindo e resultaram nos contos curtos e entrelaçados da coletânea *Os sinos de Encarnação*, publicada em 2012. Enquanto isso, *O silêncio* ficou guardado. Não se enquadrava na moldura e na tela da coletânea. Os contos de *Os sinos de Encarnação* são curtos e cada um é, ao mesmo tempo, autônomo e parte de um mosaico maior - a coletânea. As tramas de cada conto se mesclam umas às outras por uma Sherazade das minhas terras de dentro, chamada Encarnação, que vai, ao longo do tempo e no ziguezague de seus passos, contando e entrelaçando as duas dezenas de histórias da coletânea.

Já a estrutura d' *O silêncio da penteadeira* é bem diferente. Não há histórias marginais e, sim, um eixo narrativo que roda sobre si mesmo, em constante retorno ao começo. Fernanda Coutinho, aliás, lembra a litania ou ladainha a propósito da reiteração das perguntas de Pequena, que se centram em buscar-se nas outras mulheres da família que, aliás, não conheceu. Como futura herdeira da penteadeira em que se miraram sua bisavó, sua avó, sua mãe, Pequena procura em seu espelho as respostas que ninguém lhe quer ou pode dar. Em um de seus monólogos, ou diálogos fracassados com o espelho, diz: "Só tu podes me dizer quem elas foram e quem vou ser." [Que escritor pode fugir ao tema do espelho? Aquela lâmina que nos mostra o rosto que nunca veremos diretamente com o olhar – o nosso, e quando o vemos espelhado, enxergamos tudo ao contrário, o que está à direita vemos à esquerda e vice-versa. Atravessaríamos a noite no Palácio se começássemos a recordar agora o tema do espelho na literatura!].

Diferentemente de meus romances – *O mundo de Flora e Luizes de Paris* e *o fogo de Canudos* -, que, na tentativa de ampliar e diversificar o universo ficcional, lançam mão de grande número e tipo de materiais narrativos, como cartas, diários, bilhetes, cartões postais, documentos, estórias marginais, fotos, desenhos, narrativas orais, diálogos dramáticos, reproduções de telas e desenhos, notícias de jor-

nal, e muitos mais; *O silêncio da penteadeira* atém-se ao essencial, o drama de Pequena em busca de si mesma manifesta-se em três tipos de linguagem que pede de empréstimo ao teatro: o monólogo de Pequena diante do espelho (em itálico, no livro), seus diálogos com as outras personagens (em redondo), e o que eu imagino como um coro de tragédia (em negrito) ou um narrador que não é personagem, pois está fora da trama, que não é onisciente, mas tanto pode ver as ações da protagonista, como enxergar seus pensamentos e sentimentos.

Embora a ação desse, digamos, conto dramático não contenha, pelo menos, aparentemente, quase nada de dados autobiográficos, Descartes Gadelha diz que o livro é muito parecido comigo. Pois é aqui que Descartes entra na história do livro.

Mais um salto no tempo, e chegaremos no ano passado, em 2015, quando, por conta dos 25 anos de publicação da primeira edição d'*O mundo de Flora*, algumas amigas, professoras universitárias e escritoras, citadas aqui em ordem alfabética – Cleudene Aragão, Fernanda Coutinho, Inês Pinheiro Cardoso, Vania Vasconcelos e Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, criaram, generosamente, um calendário de encontros em torno de meu primeiro livro e insistiram, gentilmente, que eu publicasse *O silêncio da penteadeira*, para que seu lançamento fizesse parte dessa rememoração. [Só há poucos dias, descobri que *O mundo de Flora* também foi lançado em um 30 de agosto, um dia como hoje!]

Analisado e aprovado para publicação pela Editora da UFC, que é conduzida com eficiência e simpatia pelo Prof. Claudio Guimarães, e iniciada a editoração do livro pelo talentoso programador visual e capista da Editora, Val Macedo, encontro-me, casualmente, com Descartes Gadelha. Usando seus poderes de mago, o artista adivinha que estou editando um livro. Enuncio o título - *O silêncio da penteadeira* – e Descartes, imediatamente, o considera muito sugestivo. Pergunto se faria uma ilustração para a capa do livro; responde-me com outra pergunta: quando vou ler os manuscritos? No dia seguinte, entrego os manuscritos a Descartes. Dias depois, o caro amigo chega em minha casa com vários rolos de papel que pareciam papiros. Eram 26

desenhos. E Descartes criou, assim, um outro silêncio da penteadeira, nascido de sua leitura singular e de seu traço inconfundível. Não nego que chorei ao ver suas ilustrações. Na hora em que as vi, lembrei que eu ficara maravilhada com os desenhos de Descartes para contos do inesquecível Moreira Campos publicados, em 2014, pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil: *Moreira Campos Centenário; Vinte e um contos selecionados*. E agora eu teria também um livro todo ilustrado por Descartes?! Muito para meu pequeno *Silêncio*! Assim, o artista mudou o rumo do livro, pois, com a riqueza de ilustrações, novo formato era preciso! E outro tipo de papel, capa dura, sobrecapa. *Penteadeira* começa outra vida.

- Ah, quase todos meus livros têm apelido: *O mundo de Flora* é, simplesmente, *Flora*; *Luzes de Paris* e *o fogo de Canudos* atende pelo nome de *Luzes*; e assim por diante. *O silêncio da penteadeira* ganhou dois, às vezes é *Silêncio* e, às vezes, *Penteadeira*.

Pois bem, continuemos. Dessa forma, para bem abrigar os dois silêncios, o de Descartes e o meu, Val Macedo refez, comigo ao lado, na própria editora, em um diálogo muito produtivo, toda a programação e paginação do livro. Intercalamos, com minuciosa distribuição de espaço, o desenho e o texto, o *Silêncio* que se lê e o *Silêncio* que se vê.

"E o resto é o silêncio?" Não. O resto é alegria. O presidente desta Casa me convida para lançar o *Silêncio* aqui, no Palácio. Aceito encantada. Com o livro na mão, espero que o Palácio fique luzindo de beleza. Aproveito para preparar o convite, claro, em parceria com Val Macedo, dessa vez, via e-mail, pois a Editora estava em obras. Claudia Queiroz, eficiente secretária da Academia e gentil amiga, me dá uma mão na distribuição dos convites *y en muchas otras cositas más*. Madalena Figueiredo, bibliotecária da Academia e amiga, também colabora. E aí está o livrinho que, enriquecido pelo talento generoso de Descartes, chega a vocês. Tomara que os leitores gostem dele como minha mãe gostou. Aliás, gostou tanto que já o ouviu muitas vezes, a primeira vez, lido por mim de um corrido, e Mamãe só me deixou ir para casa quando cheguei ao ponto final. Tomara que vocês gostem

do livro como o Descartes, que escreveu, enquanto lia os manuscritos: “Não consigo parar de ler, nem de desenhar.”

Como se aproxima o fim dessa singela conversa, preciso dizer que este livro, como todos que já escrevi ou virei a escrever, pertence a meu pai, meu guia na biblioteca da vida, Luciano Cavalcante Mota, habitante de minha saudade, e a meu marido, Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén, habitante de meu amor. Amado, amante, amigo! Precioso dom que Deus me deu!

E aqui encerro minha fala com palavras de um encantador personagem criado pelo inesquecível e querido Ariano Suassuna, n’ *O Auto da Compadecida*, obra tão merecidamente amada pelos brasileiros. Refiro-me às palavras com que, invariavelmente, Chicó respondia ao espanto de João Grilo diante das narrativas de suas aventuras cheias de estripulias fantasiosas que o amigo lhe contava: “Não sei, só sei que foi assim.”